

Esquecer Foucault?

Alfredo Veiga-Neto*, Tatiana Luiza Rech**

Resumo

A partir de uma crítica aos “usos impertinentes” do pensamento foucaultiano na pesquisa educacional, argumenta-se que, muitas vezes, é melhor esquecer Foucault. Mas o conselho de “esquecer o careca” nada tem a ver com os ataques de alguns intelectuais contra o filósofo — entre eles, Baudrillard, Merquior, Mandosio e Semprun. Lembrando que, assim como acontece com qualquer autor ou teoria, também Foucault não é “pau para toda obra”: é preciso estar sempre atento à necessária pertinência entre, de um lado, aquilo que se pergunta e se quer estudar e, de outro lado, os recursos conceituais e metodológicos colocados à nossa disposição pelos Estudos Foucaultianos. Com isso, conservam-se e preservam-se as duas partes envolvidas: de um lado, Michel Foucault; de outro, aqueles que se valem das suas contribuições. Como conclusão, são enumeradas sugestões a serem observadas por quem quiser trabalhar com Foucault ou, a partir dele, levar adiante suas próprias investigações.

Palavras-chave

Michel Foucault, Estudos Foucaultianos, foucaultlatria, foucaultmania, foucaultfobia.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.
alfredoveiganeto@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.
tatianarech@yahoo.com.br

Forget Foucault?

Abstract

From a critique of the “impertinent uses” of Foucault’s thinking in educational research, it is argued that it is often better to forget Foucault. But the advice to “forget the bald” has nothing to do with the attacks of some intellectuals against the philosopher – among them, Baudrillard, Merquior, Mandosio and Semprun. Remembering that, just as with any author or theory, Foucault also is not “jack of all trades”; we must always be alert to the necessary relevance pertinence between, on one hand, what we ask and is being studied and, on the other hand, the conceptual and methodological resources placed at our disposal by Foucault Studies. Thereby, we conserve and preserve the two parties involved: on one hand, Michel Foucault; on the other, those who use their contributions. To conclude, suggestions are listed to be observed by those who want to work with Foucault or, from him, carry out their own investigations.

Keywords

Michel Foucault, Foucauldian Studies, foucaultlatry, foucaultmania, foucaultphobia.

Esquecer – verbo transitivo direto:

- perder a lembrança de; não pensar em;
- deixar de lado; abandonar.

Houaiss (2009, verbete *esquecer*)

– Mas, professor... Será que entendi bem? O senhor está mesmo sugerindo que, neste meu projeto de pesquisa, eu devo abandonar a ideia de usar Foucault?

Diante da perplexidade da candidata a mestranda que eu tinha à minha frente, fui ainda mais enfático do que havia sido, alguns dias antes, quando ela me procurara pela primeira vez para tratar do mesmo assunto:

– Sim, é isso mesmo: tu deves esquecer Foucault! Esquece o careca!

Com essa rápida e cortante resposta, eu supus ter colocado um ponto final nas pretensões da minha animada interlocutora. Mas não foi bem assim. A jovem era insistente e curiosa; queria saber o porquê do meu conselho e queria porque queria “trabalhar com Foucault”. Será que o filósofo era difícil demais para ela? Será que – ao contrário do que lhe haviam dito – eu não gostava de estudar Foucault? Será que alguém já havia pesquisado o que ela queria pesquisar? Será que sua proposta não tinha sido bem compreendida por mim? Será que a sua questão de pesquisa – relacionada ao ensino e à aprendizagem da aritmética nas séries iniciais da Educação Básica – era difícil ou fácil demais para uma abordagem foucaultiana?

Diante de tais perguntas, tive de levar adiante nossa conversa e justificar, de modo mais ou menos detalhado, minha posição. O que lhe disse, em resumo, foi que “Foucault não é pau para toda obra”. Assim como ele serve para muitas “coisas”, em relação a outras ele nada tem a nos dizer. Expliquei-lhe que, por mais interessantes e potentes que tenham sido – e continuem sendo... – as contribuições do filósofo para a nossa compreensão do presente, há uma infinidade de perguntas e situações diante das quais ele não nos oferece respostas, nem, muito menos, nos sugere soluções.

A interlocutora escutava atentamente, e, aproveitando seu interesse, fui adiante, explicando que tudo isso não decorria de alguma suposta limitação de Foucault, pois, afinal, nenhum autor é “pau para toda obra” e nenhuma teorização dá conta de toda e qualquer pergunta.

Como que colocando uma pá de cal sobre alguma pretensão totalizante que a candidata ainda pudesse alimentar, fui mais longe: disse-lhe que, assim como não existe uma “teoria do tudo”, também não existe uma “perspectiva das perspectivas”. No

caso de Foucault, isso era especialmente importante, na medida em que ele jamais quis fazer uma teoria abrangente sobre a Humanidade, a Filosofia, as sociedades e a História. Bem ao contrário, ele sempre se interessou em desenvolver apenas “determinadas formas de análise muito específicas” (Davidson, 1992, p. 221), pontuais, limitadas no tempo e no espaço.

Até hoje não sei bem por que, mas o fato é que a jovem que eu tinha à frente não desanimou. Declarou que, mais importante do que seu problema de pesquisa, no fundo o que ela queria mesmo era estudar Foucault. Acabara de ler *Vigiar e punir* e estava definitivamente “apaixonada” pelo filósofo. Insistiu em marcar uma nova reunião comigo e pediu algumas orientações de leitura. Voltou, dias depois, propondo um novo problema para investigar; surpreendi-me, ao constatar que, dessa vez, a coisa toda estava bem mais apropriada para uma abordagem foucaultiana.

Fiquei tão estimulado pelo interesse e pela sagacidade daquela candidata, bem como por sua capacidade de ressignificar e reorientar seus interesses pela pesquisa, que resolvi apostar nela e aceitei orientá-la como mestranda. Passados tantos anos, me dou conta de que não errei naquela aposta: ela logo aprendeu a fazer usos pertinentes dos Estudos Foucaultianos, e sua dissertação atingiu níveis incomuns de excelência. E tudo havia começado com uma simples, mas importantíssima, lição: não existe “pau para toda obra”! Nem mesmo Foucault – por mais extensa que seja sua obra e por mais variados que sejam os assuntos com que se ocupou –, nem mesmo o careca é “pau para toda obra”.

Se contamos essa experiência que aconteceu com um de nós, há vários anos, foi para marcar o rumo que queremos dar a este texto. Aqui, nosso interesse é desarmar a monstruosidade do Foucault primeiramente pensado por aquela jovem candidata ao mestrado. Queremos mostrar a monstruosidade dos “Foucault-pau-para-toda-obra”, dos “Foucault-vale-tudo”. Foi para nos afastarmos desses monstros – e principalmente contribuir para que outros também se afastem – que nos pusemos a escrever este texto. De novo, colocamo-nos na contramão daquele “Foucault-tamanho-único”, tantas vezes invocado em pesquisas e publicações que hoje se multiplicam assombrosamente entre nós. O Foucault que nos interessa é aquele invocado na medida certa; nem foucaultfilia ou foucaultmania, nem foucaultlatria. Como em *Morte e vida severina*, o que queremos é uma “roupa melhor, que ficará bem cingida: como roupa feita à medida” (Melo Neto, 1995, p. 185).

Nesse rumo, além de querermos nos afastar do “Foucault-pau-para-toda-obra”,

também não iremos pelo caminho seguido por alguns de seus críticos, notadamente Baudrillard, Merquior, Mandosio e Semprun.

Colocadas as duas coordenadas para o nosso rumo, vamos à caminhada.

A pertinência

Todos sabemos o quanto o “efeito Foucault” foi e continua sendo importante, na pesquisa educacional, no Brasil e mundo afora. Há pelo menos três décadas, tem crescido a produção bibliográfica no campo em que a Educação se vale dos Estudos Foucaultianos para descrever, analisar e problematizar suas próprias políticas e práticas e os correlatos discursos pedagógicos¹.

Mas também sabemos o quanto, por puro modismo, Foucault tem sido convocado de modos tão canhestros e impertinentes. Bastante afeitos ao messianismo, muitos professores, professoras e aquele que se costuma chamar de “pensamento pedagógico brasileiro” têm sido pródigos em eleger alguma teoria, algum método ou autor como salvador da educação. Parece que não faltam messias de plantão – sejam eles pessoas e suas ideias, grupos humanos e suas lutas –, aos quais muitos atribuem a capacidade de resolver as (assim chamadas) mazelas sociais pela via educacional. Resulta, desse messianismo pedagógico, a profusão dos mais variados fã-clubes: foucaultianos, deleuzianos, marxistas, piagetianos, habermasianos, freirianos, construtivistas e outros que tais.

O quanto cada um desses clubes comete impertinências em relação aos seus ícones é algo que parece crescer proporcionalmente aos ditames da moda. E, como não há vida acadêmica sem disputas, debates e jogos de poder, a todo o momento se assiste a lutas entre uns e outros, veladas ou explícitas, suaves ou encarniçadas. Quanto a isso, preferimos adotar a postura deleuziana, segundo a qual, só aceita entrar num debate para convencer e vencer o opositor aquele que acredita estar de posse de uma verdade acima de si mesmo. É fácil ver que, também para Foucault, isso não faz sentido. O que faz sentido é examinar a pertinência dos usos que se fazem das verdades que se instituíram no nosso mundo.

Neste ponto, vale fazer uma analogia musical: a pertinência funciona como um baixo pedal ao longo deste texto, ou seja, funciona como um som grave que dá sustentação às estruturas harmônicas (consonantes ou dissonantes) que se desenrolam em registros mais altos.

1. Para um excelente levantamento bibliográfico sobre essa questão, vide, especialmente, Aquino (2013). Para referências até o ano de 2003, vide Veiga-Neto (2003). Para uma ampla discussão sobre os usos de Foucault na Educação, vide Peters; Besley (2008).

Seja em termos polifônicos, seja em termos harmônicos, a pertinência promove e sustenta a ligação entre as vozes mais agudas que, fluindo mais acima, manifestam-se de modo mais explícito, coeso e cantante.

Ao contrário, a impertinência nada sustenta; ela não se sustenta nem a si mesma. É impertinente aquilo que não respeita, não vem a propósito de, não é concernente a alguma coisa. Um baixo pedal desafinado ou mal executado é impertinente, porque compromete perdidamente o que se passa acima dele.

Tenhamos, então, nossos ouvidos sempre atentos ao baixo pedal da pertinência. É ele que não nos deixará ir a um autor ou a uma teorização, levados pelo puro modismo. É ele que evitará a cacofonia resultante de uma composição mal composta ou de uma execução mal executada. É ele que evitará fazer de nosso trabalho uma repetição do já pensado e já dito por aquele que, desastradamente, elegemos como messias. E podemos continuar com a metáfora musical, lembrando que *cânone* é a palavra que designa a estrita e repetida imitação de um tema original já anteriormente canonizado. Se estamos às voltas com uma Filosofia da Prática, com uma Filosofia deste mundo – como é o caso da perspectiva filosófica que atravessa os Estudos Foucaultianos –, não haverá lugar para a canonização.

Em se tratando de Foucault, a pertinência é uma condição a ser matizada, pois ser pertinente em relação ao seu pensamento não implica uma fidelidade irrestrita ao filósofo. A adesão a Foucault não exige manter-se sempre nas mesmas cadências e soluções harmônicas que ele nos deixou. Ao contrário, é preciso abrir novos caminhos. Examinam-se seus conceitos e os encaminhamentos que ele deu às suas investigações, para segui-los naquilo em que eles podem ser úteis e importantes para nossas próprias investigações. Ser pertinente não implica copiar e reproduzir. Basta de imitação; basta a pertinência. Não há catecismo foucaultiano. Não canonizemos o filósofo; aliás, não canonizemos ninguém... Não façamos de Foucault o que ele jamais quis ser! Não o coloquemos no lugar onde ele jamais quis estar! O altar não é o seu lugar!

Vale usar o oxímoro “fidelidade infiel” para caracterizar um tipo de adesão intelectual condicionada às circunstâncias determinadas pelo próprio ato de aderir. Ao querer que seus “livros fossem como bisturis, coquetéis molotov, ou minas, e que se carbonizassem depois do uso, quais fogos de artifício” (Foucault, 2010, p. 725), o filósofo nos lembra de que não faz sentido alguém segui-lo incondicionalmente, ancorar-se nele e congelar-se em sua companhia.

Aliás, convém lembrar que nem mesmo Foucault se manteve fiel a si mesmo, ao longo de sua própria trajetória intelectual; ao não querer montar um edifício teórico, o filósofo concedeu-se a liberdade de um filosofar nômade, permanentemente aberto à mudança e à errância. Não existem cânones foucaultianos. Ele mesmo, repensando o que já havia pensado, várias vezes se revisou, mudou de rumo, reajustou ou modificou seus conceitos-ferramenta e se ultrapassou a si mesmo. Nesse gesto tipicamente nietzschiano, ser fiel a Foucault implica, então, ir a ele para, sempre que possível, tentar ultrapassá-lo e deixá-lo para trás.

Estamos aí diante de uma fidelidade negativa (Veiga-Neto, 2003, 2006). Tal fidelidade negativa não implica negação, mas uma tensão resultante da necessidade de constantes atualizações. A fidelidade infiel deriva do entendimento radical da contingência e do fato de que cada autor pensa e escreve imerso no seu tempo. Isso pode parecer um truísmo, mas, infelizmente, é esquecido por muitos. Por mais que alguém se coloque nos limites entre o presente e o futuro, não há como ir além do seu próprio tempo. No caso de Foucault, praticante de um pensamento não metafísico e não necessitarista, no qual o *a priori* histórico coloca-se como o único – porém intransponível – limite do pensar, a fidelidade negativa coloca-se como uma condição incontornável, no caso de outros quererem, futuro afora, levar adiante o seu pensamento.

Uma impertinência

Tampouco é do Foucault implacavelmente torpedeado por Jean Baudrillard e José Guilherme Merquior que trata este texto! Como se sabe, ambos colocaram o filósofo num lugar que absolutamente não lhe cabe; ambos fizeram dele o que ele não quis ser e nunca foi. E, como se isso fosse pouco, aqui também não nos interessa o Foucault caricatural de Jean-Marc Mandosio ou de Jaime Semprun².

Se assim nos referimos a esses seus críticos, não é porque Foucault precise de defesa; e nem, muito menos, porque nos autorizemos a defendê-lo. E não se trata, é claro, de ser contra a crítica *tout court*, mas, sim, contra a crítica gratuita, frágil, mal fundamentada, mal desenvolvida.

A essas alturas, depois de ler e reler aqueles Quatro Cavaleiros e confrontá-los com a obra foucaultiana, nos damos conta de suas impertinências. Mas agora, a impertinência é diferente daquela que já comentamos; ela se alimenta da inveja e de ressentimentos políticos e acadê-

2. Referimo-nos, aqui, às posições assumidas por Baudrillard (2001), Merquior (1985) e Mandosio (2011), bem como aos ataques que o escritor Jaime Semprun (2001) frequentemente fez a Michel Foucault.

micos e se funda em pressupostos que nada têm a ver com os modos de pensar de Foucault. Desse modo, dar muita atenção a esses críticos é mais do que uma perda de tempo: significa não compreender a diferença entre perspectivas platônicas e não platônicas, entre uma postura metafísica e um pensamento não metafísico. Responder a esses tipos de crítica ou discutir com os seus partidários é um sinal de não ter entendido a incomensurabilidade entre eles e a posição intelectual e política de Foucault e a sua contribuição, tanto à Filosofia Contemporânea quanto à compreensão mais acurada e incomum do nosso presente. A propósito, não temos dúvida de que todos ganhariam, se alguns críticos esquecessem mesmo o careca, nos poupando de lê-los, em suas abordagens desajeitadas, ferinas e mal-humoradas. Sendo assim, é bom mesmo que aqueles críticos queiram esquecer Foucault; de nossa parte, nós já nos encarregamos de esquecê-los.

Mas, se já esquecemos Baudrillard, Merquior, Mandosio e Semprun, por que eles estão aqui? Que têm suas críticas a ver com este texto? A resposta é curta e simples: nada! *Stricto sensu*, suas críticas nada têm a ver conosco. Se eles ainda estão aqui é por um motivo heurístico. Nossas razões para trazeremos esses Quatro Cavaleiros para cá não decorrem de alguma importância que supostamente atribuímos às suas críticas ranzinzas e caricaturais a Foucault. Se nos lembramos deles, é para ir por outro caminho e marcar, na diferença, o sentido que aqui atribuímos ao “esquecer Foucault”.

Quando sugerimos que alguém esqueça Foucault, não queremos nós mesmos esquecer Foucault. Não se trata daquele esquecer Foucault porque se encontram equívocos em algumas de suas posições políticas ou inconsistências pontuais em suas obras – afinal, em qual autor ou teorização, em qual obra ou atividade humana não existem inconsistências? E, se o pensamento é não sistemático e nômade, seria possível manter-se consistentemente aferrado a algum fundo sólido ou pendurado em algum gancho no céu? (Rorty, 1988). Tudo isso tem sido minuciosamente tematizado na ampla bibliografia que, há anos, vem sendo produzida no campo dos Estudos Foucaultianos. De qualquer maneira, o que importa mesmo é que os seus equívocos e as suas inconsistências têm sido amplamente compensados pela positividade de sua filosofia e pela produtividade que podemos extrair dela.

Queremos marcar – pelo contraste em relação àquelas conhecidas e surradas críticas – uma outra posição que, à primeira vista pode parecer paradoxal. Nosso intuito é conservar e preservar as únicas duas partes envolvidas nisso tudo que, a nosso ver, merecem ser conservadas e preservadas: de um lado, conservar Foucault

e sua potência; de outro lado, preservar aqueles que vão a ele em busca de encaminhamentos para seus próprios problemas de pesquisa. Vejamos esse aparente paradoxo mais de perto.

Primeiro, a *conservação*. Conservar Foucault requer dois movimentos complementares: tanto familiarizar-se com os meandros de seu pensamento, de modo a conhecer sua potência, quanto reconhecer suas limitações, conforme comentamos mais acima. Se falamos em meandros, é para assinalar um tipo de pensamento não linear, mas sinuoso, emaranhado, complexo e nômade.

Segundo, a *preservação*. Preservar aqueles que vão buscar em Foucault – ou, mais amplamente, nos Estudos Foucaultianos – inspiração, encaminhamentos ou soluções para suas investigações tem por objetivo evitar que perguntem ao filósofo aquilo que não está no seu horizonte e que, justamente por isso, não faz sentido para ele. Como narramos no início deste texto, sempre vale a pena alertar para o que *pode e não pode* ser feito com as teorizações e os “métodos” foucaultianos³. A regra de ouro é simples: não peçam ao filósofo e àqueles que compõem o campo o que eles não podem dar. Lembrem-se, também, de que uma das características da pertinência é, justamente, a necessidade de preservar em nós, e nos outros, o respeito ao autor e à sua obra.

Sugestões (para quem não quer esquecer Foucault)

A seguir, ao enumerarmos algumas sugestões, nossa intenção é apenas relembrar determinadas dicas, lançar algumas ideias que, futuramente, poderão ajudar o leitor a pensar de outros modos (Touraine, 2009). Tais sugestões poderão ajudá-lo a rever as suas escolhas, para mais tarde, quem sabe, não precisar esquecer Foucault.

1. Menos continua sendo mais. Todos ganharíamos, se, ao invés de fã-clubes, ao invés de foucaultlatrias, foucaultmanias e foucaultfobias, prestássemos mais atenção tanto aos detalhes e à potência quanto aos limites do pensamento, do ativismo e da obra foucaultiana. Isso significa que é melhor praticarmos mais ativismo e menos militância.

2. Faça uso interessado de Foucault. Como argumentou Ewald (1993), ser foucaultiano ou fazer um estudo foucaultiano significa tomar no todo ou simplesmente em pedaços

3. Para uma discussão acerca de teoria e método em Foucault, vide Veiga-Neto e Lopes (2010).

as ferramentas conceituais do filósofo que possam ser úteis para o nosso trabalho. Significa, também, respirarmos cuidadosamente a atmosfera que envolve sua oficina. Em outras palavras, “usá-lo aqui, ali e em muitos lugares; mas não necessariamente sempre” (Veiga-Neto, 2006, p. 83), pois, como já dissemos anteriormente, é necessário ir além, ou seja, transcender um pensamento que espera justamente por isso; um pensamento que pede, incansavelmente, certa infidelidade por parte do leitor.

3. Não morra de amores pela moda. A moda pode servir tanto para inspirar como, também, para normatizar. Cada um faz o uso que bem preferir. Porém, aqui, não se trata de moda. Não se deve utilizar Foucault por achar que ele é um autor que está na moda; mas, ao contrário, deve-se fazer uso de seus escritos somente quando eles forem considerados potentes para os nossos estudos. Cabe lembrar que “ser foucaultiano [...] implica não se prender demais ao autor” (Veiga-Neto, 2004, p. 9).

4. Desconfie das metanarrativas. Em seus estudos, Michel Foucault não buscou a origem das coisas; não se preocupou em achar a verdade mais verdadeira dos acontecimentos. Sua intenção estava em fazer a crítica, uma “*crítica da crítica*, que está sempre pronta a se voltar contra si mesma para perguntar sobre as condições de possibilidade de sua existência, sobre as condições de sua própria racionalidade” (Veiga-Neto, 2003, p. 28). Para o filósofo, “fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais” (Foucault, 2006, p. 180). Dessa forma, a diferença está em fazermos o que se pode chamar de *hiper-crítica*, ou seja, “uma crítica desancorada de qualquer entidade subjetiva *a priori* – chamemo-la Espírito, Deus, Razão, Uno, Ideia, Consciência etc.” (Veiga-Neto, 1997, p. 78).

5. Tente pensar de outros modos. Como sabemos, Foucault “nunca encarou a escritura como um objetivo, como um fim” (Deleuze, 2005, p. 34), o que possibilitou a riqueza da novidade, do estranhamento, da (des)construção. Desconstruir, a partir dos Estudos Foucaultianos, longe do que muitos pensam, não é sinônimo de “jogar tudo fora”, de “estragar”, mas pode ser visto como um exercício de exercitar o nosso próprio pensamento, ou seja, de pensar. Para Foucault (2006, p. 180), “há sempre um pouco de pensamento, mesmo nas instituições mais bobas, há sempre pensamento, mesmo nos hábitos mudos”. Um dos segredos está em saber fazer escolhas, pois, como nos mostra Johanna Oksala (2011, p. 7), “uma pedra pode ser usada com igual eficácia tanto para bater um prego quanto para quebrar uma vidraça”.

6. *Aprenda a problematizar.* Quando falamos em problematizar, falamos em um jeito de fazer pesquisa muito diferente daquele que objetiva a busca por uma verdade absoluta e imperativa. Também não está em jogo, aqui, a busca por binarismos, ou seja, por um pensamento que se posiciona contra ou a favor, que julga o que pode ser considerado bom ou ruim. Para o filósofo, ao problematizarmos, nos deslocamos a um movimento de análise crítica “pelo qual se procura ver como puderam ser construídas as diferentes soluções para um problema; mas também como essas diferentes soluções decorrem de uma forma específica de problematização” (Foucault, 2004, p. 233).

7. *Na dúvida, prefira o silêncio.* Como disse Ludwig Wittgenstein (1987, p. 142), “acerca daquilo de que não se pode falar, tem que se ficar em silêncio”. Isso não quer dizer que não seja possível indagar, questionar, esboçar ideias... É claro que, no exercício diário de explorar o próprio pensamento, teremos muito sobre o que pensar, sentir, ouvir e dizer. Nesse caso, vale retomar as palavras de Foucault (2008, p. 9), quando ele diz que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Regra básica: antes de dizer algo, pense bem no que será dito!

8. *Com Foucault, fale de teorizações.* Ao utilizar o filósofo para pensar, escolha a palavra *teorização* ao invés de *teoria*. A teoria – que em geral se pretende mais sólida e indiscutível – dá lugar para a *teorização*, entendida como uma ação de reflexão sistemática, “sempre aberta/inconclusa e contingente, sobre determinadas práticas, experiências, acontecimentos ou sobre aquilo que se considera ser a ‘realidade do mundo’” (Veiga-Neto; Lopes, 2010, p. 4). Assim, a teoria pode ser entendida como “coisa”, ao contrário da *teorização* que pode ser pensada como “ação”.

9. *Cuidado com a escolha das ferramentas.* Foucault (2001, p. 1.588) afirmou que todos os seus livros “são pequenas caixas de ferramentas”. É importante compreendermos que, mesmo se tratando de ferramentas muito interessantes, não é recomendável que utilizemos muitas em nossas pesquisas. A tentativa de fazer uso apenas daquilo que convém às nossas investigações é, geralmente, o mais recomendado. Uma dica: não devemos nos preocupar em escolher as ferramentas *a priori*. Outra dica: não esqueçamos que temos pelo menos dois tipos de ferramentas – as metodológicas e as conceituais; ambas são fundamentais para os exercícios de análise.

10. *Aposte em uma leitura monumental.* A partir da obra de Michel Foucault, foi possível investir em um outro “jeito” de lidar com os materiais da pesquisa. Dito de outro modo, os materiais servem para uma análise que, mais do que documental, será monumental (Foucault, 2013). Numa leitura ou análise monumental, tratamos as fontes de pesquisa (textos, enunciações, práticas, etc.) como uma possibilidade de ler o conjunto de materiais em sua exterioridade; “isso significa que a leitura (ou escuta) do enunciado é feita pela exterioridade do texto, sem entrar na lógica interna que comanda a ordem do enunciado” (Veiga-Neto, 2003). Importante: fazer uma leitura na superfície – o que não significa dizer superficial. Também importante: lembrar que a leitura ou a análise monumental não exclui a leitura documental, pois cada uma tem suas particularidades e ambas nos servem para diferentes fins.

11. *Exercite a suspeita.* Foucault (2007, p. 12) nos diz que “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. E, se a verdade é desse mundo, falar em invenção faz mais sentido do que falar em descoberta. Assim, podemos perceber que as coisas não estão “desde sempre aí”, não possuem uma origem remota e a-histórica, mas, ao contrário, são inventadas de acordo com as necessidades de uma época.

12. *Saiba dizer não.* Ao ler a obra de Michel Foucault, aprendemos que o “não” se torna fundamental, em muitos momentos. Dizer não ao realismo, ao essencialismo e propor um pensamento não fundacionista, por exemplo, nos ajuda a fazer uma meta-análise, ou seja, a olhar por fora, por outros ângulos... Como sugere Larrosa (2008), ajuda-nos a enxergar para além das evidências, pois “talvez o poder das evidências não seja tão absoluto, talvez seja possível ver de outro modo” (Larrosa, 2008, p. 83).

13. *Não é o assunto ou a instituição que definem uma abordagem foucaultiana.* Não é porque Foucault estudou a loucura, as disciplinas, os hospícios, as prisões, a sexualidade, o poder, o sujeito, etc. que qualquer estudo sobre essas “coisas” possa recorrer a ele ou fazer uso de sua obra. É preciso saber sempre como o filósofo abordou tais assuntos e como nós pretendemos abordá-los.

14. *Foucault não é um guru.* Se você precisa de um guru, procure outro; sempre

haverá vários gurus de plantão. Se você precisa de um templo, siga adiante e esqueça o careca.

15. *Sempre haverá outros autores.* Se você estiver mais interessado em julgar, achar soluções ou prescrever, procure outro autor. Você sempre encontrará outros autores que parecerão mais acolhedores, confortáveis e interessantes, independentemente de sua (in)utilidade.

16. *Jamais esqueça:* Foucault não é nem nunca será “pau para toda obra”.

17. *Na dúvida...* Na dúvida, consulte colegas e especialistas, leia outros que já se valeram dos Estudos Foucaultianos. Aprenda com os acertos e com os erros alheios. Se a dúvida persistir, desista e não ultrapasse: simplesmente, esqueça o careca.

Coda

Reiteramos que, dado o amplo espectro das questões abordadas e problematizadas por Foucault e dado o seu variado repertório metodológico e conceitual, não raramente o filósofo é visto como “pau para toda obra”, como fonte de respostas para tudo e para todos, como uma caixa de ferramentas capaz de dar conta de todo e qualquer problema. Desse entendimento equivocado resulta que muita gente vai buscar nos Estudos Foucaultianos os elementos para tocar adiante suas próprias indagações, seus estudos e projetos, gerando uma lamentável inflação de escritos que pretendem ser foucaultianos, mas que, muitas vezes, não passam de arremedos medíocres e até mesmo ridículos. Não raramente, os resultados dessa “foucaultmania” são pífios, quando não são desastrosos e completamente sem sentido.

É para poupar os esforços que terminam em quase nada ou em desastres lamentáveis que vai nosso conselho: se não estiverem seguros sobre a pertinência e a adequação entre, de uma parte, o pensamento e as contribuições de Michel Foucault e, de outra parte, aquilo que pretendem estudar e problematizar em suas próprias investigações, não pensem no filósofo, deixem-no de lado, abandonem o careca! Esse nosso conselho não objetiva preservar um campo ou mantê-lo fora do alcance de não iniciados. Nosso interesse é apenas evitar o trabalho inútil e os eventuais monstrenhos que daí resultam, quando a teorização foucaultiana é mal compreendida, mal digerida, mal utilizada.

Por fim, vale lembrar que todo o nosso apego à pertinência não nos faz sentinelas de um campo. Sobre isso, convém lembrar as palavras de Barret-Kriegel (1990, p. 186), pronunciadas por ocasião dos dez anos da morte do filósofo: “ninguém é guardião do templo nem aqui há religião; trata-se somente da vontade de saber”. Não se trata, também, de defendermos algum suposto cânone foucaultiano. Como já explicamos, ele não existe e nem mesmo faz sentido na perspectiva de uma filosofia não sistemática, como foi a praticada por Foucault. O que defendemos é a conveniência de nos valermos de Foucault para pensar o nosso próprio pensamento; para fazer disso um exercício diário que mistura rigor e sutileza, curiosidade e abandono. Tudo isso mantendo nossos ouvidos sempre atentos ao baixo pedal da pertinência.

Referências bibliográficas

- AQUINO, Julio Groppa. A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. *Revista Brasileira de Educação* – ANPEd, Rio de Janeiro, v. 28, n. 53, p. 301-324, abr./jun. 2013.
- BARRET-KRIEGEL, Blandine. Michel Foucault y el estado de policía. In: BALBIER, Etienne et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 186-192.
- BAUDRILLARD, Jean. *Oublier Foucault*. Paris: Galilée, 2001.
- DAVIDSON, Arnold I. Archaeology, Genealogy, Ethics. In: HOY, David C. (Ed.). *Foucault: a critical reader*. Oxford: Basil Blackwell, 1992. p. 221-233.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- EWALD, François. *Foucault, a norma e o Direito*. Lisboa: Vega, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Des suppliques aux cellules. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*. Paris: Quarto, Gallimard, 2001. p. 1.584-1.588.
- FOUCAULT, Michel. Est-il donc important de penser?. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits IV (1980-1988)*. Paris: Gallimard, 2006. p. 178-182.
- FOUCAULT, Michel. Polêmica, política e problematizações (1984). In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Organização de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 225-233. (Coleção Ditos & Escritos IV).
- FOUCAULT, Michel. Sur la sellette. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II (électronique)*. Paris: Gallimard, 2010. p. 720-725.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2007. p. 1-14.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da Educação*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 35-86.
- MANDOSIO, Jean-Marc. *A longevidade de uma impostura: Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina: auto de Natal pernambucano. In: MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 169-202.

- MERQUIOR, José Guilherme. *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- OKSALA, Johanna. *Como ler Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- PETERS, Michael; BESLEY, Tina (Org.). *Por que Foucault: novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- RORTY, Richard. *A Filosofia e o espelho da Natureza*. Lisboa: D. Quixote, 1988.
- SEMPRUN, Jaime. *Apologie pour l'insurrection algerienne*. Paris: Encyclopédie des nuissances, 2001.
- TOURAINÉ, Alain. *Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e interdisciplinaridade. In: MOREIRA, Antonio Flavio (Org.). *Currículo: questões atuais*. Campinas: Papirus, 1997. p. 59-102.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault, um diálogo. Entrevista. In: VEIGA-NETO, Alfredo; FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault, um diálogo. Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 7-25, jan./jun. 2004.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (Org.). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79-91.
- VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Há teoria e método em Michel Foucault? Implicações educacionais. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Org.). *Foucault, Deleuze & Educação*. Juiz de Fora: UFJF, 2010. p. 33-47.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico e Investigações Filosóficas*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

*Submetido à avaliação em 28 de novembro de 2013.
Aprovado para publicação em 11 de junho de 2014.*